

História, teatro e política¹

Izaías ALMADA²

O saber não ocupa lugar. Esse surrado adágio popular exprime com propriedade o que é a coletânea de textos sobre teatro reunidos sob o título *História, teatro e política*, organizada pela professora Kátia Rodrigues Paranhos da Universidade Federal de Uberlândia e publicada pela Boitempo Editorial.

A obra, de 248 páginas, e que acaba de chegar às livrarias, tem o mérito de reunir onze textos sobre a prática do teatro e sua relação visceral com a história e a política. Uma relação que, como diz a própria organizadora na contracapa, “trata da compreensão do fato teatral como uma rede extensa e complexa de relações dinâmicas e plurais que transitam entre a semiologia, a história, a sociologia, a antropologia, a técnica e a arte, a representação e a política”.

Nesse leque investigativo o leitor encontrará textos de bem fundamentadas e originais pesquisas que, sem se tornarem maçantes ou rançosamente acadêmicos, explicam de maneira clara – alguns com narrativas muito saborosas – a antiga e, porque não dizer, cada vez mais atual discussão sobre arte política ou, no caso específico, sobre a história do teatro como ferramenta política.

O diretor, dramaturgo e pensador Augusto Boal sempre defendeu o teatro como uma ferramenta de atuação política e de inestimável valor nas transformações sociais. O teatro como arte marcial. E não foram poucos os homens e mulheres que através dos tempos souberam muito bem usar essa ferramenta. A história, o teatro e a política convivem intimamente desde a antiguidade clássica. E quando se pode constatar essa verdade através de pesquisas, informações e reflexões feitas com o rigor de quem sabe do que está falando, eu me arriscaria a cometer o lugar comum de uma resenha crítica sem qualquer pejo: trata-se de uma leitura obrigatória. Pelo menos para aqueles que gostam e que fazem teatro.

No artigo do professor Adalberto Paranhos, à página 35, encontramos aquela que pode ser a chave de toda a leitura: “O teatro, seja autodenominado político, engajado, revolucionário ao até apolítico, é sempre político, independentemente da consciência que seus autores e

¹ Resenha de: PARANHOS, Kátia Rodrigues (org.). *História, teatro e política*. São Paulo, Boitempo, 2012.

² Izaías ALMADA é escritor, dramaturgo e roteirista, tendo adaptado para cinema o romance *A seba*, de Ferreira de Castro. Vencedor do Premio Vladimir Herzog de Direitos Humanos (1995) com a peça *Uma questão de imagem* e autor, entre outros, do livro *Teatro de Arena: uma estética de resistência* (Boitempo).

protagonistas tenham disso. O mundo da política também é habitado por todos nós, queiramos ou não, quando mais não seja porque toda e qualquer relação social implica, inescapavelmente, relações de poder, tenham estas o sentido de dominação ou não”.

É sabido que o teatro brasileiro, que vem desde Anchieta até os nossos dias, se revigorou nas décadas de 50 e 60 do século passado, época em que criou musculatura mais forte com a incorporação de artistas que vinham de uma Europa devastada pela guerra e também com o surgimento de uma geração de atores, diretores e dramaturgos influenciados pelas teorias de um novo método de interpretação do russo Constantin Stanislavsky, e também pelas ideias de viés marxista do dramaturgo alemão Bertolt Brecht.

Tal revigoreamento se dá tanto na fase nacionalista que antecede ao golpe civil/militar de 1964 e – sobretudo – nos primeiros anos desse mesmo golpe de estado, quando muitos dos que se dedicavam à atividade teatral, em qualquer das suas funções e peculiaridades, estiveram na linha de frente de contestação ao regime autoritário que engessou o país, em particular a sua produção cultural. A coletânea em questão mostra inúmeros aspectos desse vigor, mas sem descuidar de outros aspectos significativos da relação do teatro com a história e a política, quer no Brasil ou mesmo fora de suas fronteiras. Ao contrário, sublinha-as.

As obras que são construídas a partir de textos que procuram apresentar diversos pontos de vista de um determinado assunto, ou mesmo um livro de contos de determinado autor, por exemplo, correm sempre o risco das comparações. *História, teatro e política* não foge à regra. Não se trata aqui de qualificar se tal texto é superior ou inferior a outro, não, mas de identificar se o seu escopo e a narrativa interna que lhe corresponde têm maior ou menor ligação com o tema proposto. Até porque essas eventuais comparações terão sempre a ver com a subjetividade do próprio leitor.

A partir desse pressuposto, e apesar dele, chamaram minha atenção alguns dos textos apresentados, como “Combatendo em todas as frentes: a trajetória de Miguel Hernandez”, da professora Luciana Montemezzo, quase que um poema dedicado à memória desse ainda desconhecido dramaturgo espanhol entre nós, cuja obra *Teatro de guerra*, composta de peças em um ato, levou-o à prisão e à morte combatendo o fascismo franquista. Contemporâneo de Lorca e do poeta Antonio Machado, Miguel Hernandez defendeu a república contra os monarquistas tanto com a sua pena quanto com o seu fuzil...

Dois outros textos contribuem, pela sua originalidade e pela valorização dos trabalhos abordados, para iluminar os vários caminhos do conhecimento que se cruzam no fazer teatral: o

que perscruta o pensamento do dramaturgo Joracy Camargo, autor de um dos textos que consagraram o talento e o prestígio de Procópio Ferreira, *Deus lhe pague*, e da arquiteta Lina Bo Bardi, cuja obra de restauração de teatros e espaços cênicos no Brasil pressupunha a integração de práticas e teorias voltadas para uma estética marxista.

Joracy fez no ano de 1935 uma viagem a Moscou e lá assistiu a um festival de teatro comemorativo do 18º aniversário da Revolução Russa, encantando-se com o que viu. Sobre isso escreve um ensaio com o título *O teatro soviético*, que a professora Vera Collaço utiliza como ela mesma afirma, para “perceber como um dramaturgo brasileiro, de viés esquerdista, ‘lia’ o que se passava na União Soviética em 1935, num momento crucial, quando as vanguardas russas começavam a ser silenciadas pelo regime de Joseph Stalin”.

Em outro texto, este escrito pela professora Evelyn Furquim Werneck Lima, sob o título *Arquitetura, teatro e política*, somos confrontados com a sensibilidade da arquiteta italiana Lina Bo Bardi, também refugiada no Brasil do pós-guerra, militante do Partido Comunista Italiano e combatente antifascista, que procura dar ao espaço físico da representação teatral uma dimensão humanista de fruição estética desligada das convenções e construções arquitetônicas tradicionais. Disso são provas, entre outras, o Teatro do SESC Fábrica da Pompéia e o Teatro Oficina, ambos na cidade de São Paulo.

O texto da professora Maria Sílvia Betti, *O corpo a corpo de um dramaturgo em tempos sombrios*, onde a autora analisa a profissão de fé do dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha, no teatro comprometido com o social, além de acurada exegese sobre o autor de *Rasga coração*, nos leva à reflexão de que muito do que se passou no Brasil dos anos 60, as várias manifestações culturais de contestação ou não à ditadura, muitas delas espontâneas e apaixonadas, ainda não foram respondidas a contento pelos herdeiros daquele período. Vianinha, assim como Simone de Beauvoir já advertira na sua obra *O pensamento de direita hoje*, editada em 1955, nos diz que nem todo o novo é revolucionário. O movimento tropicalista, sob muitos de seus aspectos, parece comprovar a premissa.

Por último, e não menos importante, o texto da professora Catarina Sant’Anna sobre aspectos da obra do dramaturgo francês, pouco conhecido entre nós, Michel Vinaver. Sob o título *Teatro e História imediata: o caso dos “Ajudantes de Ordens” de Michel Vinaver*, a autora faz um mergulho no conteúdo do teatro de Vinaver, construído a partir de fatos do cotidiano de inegável riqueza dramática, como – por exemplo – a Guerra da Argélia, a Guerra da Coreia ou mesmo o atentado de 11 de setembro nos EUA. Segundo a professora Sant’Anna, não se trata de um teatro de

denúncia ou de *agitprop*, pois o autor evita a tentação das mensagens “didáticas”, mas é um teatro que ambiciona a “desmontagem do sistema”, cujos textos oferecem um diagnóstico crítico da realidade em sua complexidade. (pág. 224)

Por tudo isso, o que já não é pouco, e pelo conjunto harmonioso dos textos apresentados, *História, Teatro e Política* chega em muito boa hora. Hora em que a política cultural dos últimos dez anos de governos com forte sustentação popular exige constante atenção e aprofundamento em sua aplicação. Exige conhecimento e reflexão.